

CRÔNICAS: A PRODUÇÃO DE TEXTOS NA SALA DE AULA. PARA QUE E PARA QUEM ESCRREVEMOS?

Michelle de Araujo

Palavras-chave: Crônicas, produção textual, aprendizagem significativa.

Ao longo dos tempos, coube à disciplina de Língua Portuguesa ensinar as regras gramaticais e ortográficas aos alunos, bem como ensinar a “escrever corretamente”. Este seria então o papel de um professor de português. As críticas aos métodos de ensino da língua materna são tão antigas quanto ao próprio conceito de “matérias” a serem ensinadas. Entretanto, com a “nova escola” e tantas teorias de aprendizagem, algumas coisas foram mudando. O escrever corretamente e o falar bem, já não cabiam apenas à mãe Língua Portuguesa, outras áreas do conhecimento foram adeptos a um termo chamado “interdisciplinaridade”. Dessa forma, o profissional de Letras poderia explorar textos que abordariam uma gama de assuntos, de gêneros e tipos mais diferenciados. Com essa mudança, viu-se também a necessidade de o aluno escrever não apenas para e na escola, mas, perceber-se como autor e produtor de seus conhecimentos. E é através desse olhar, desse aprendizado significativo que Wanderlei Geraldi nos convida a entrar nesse novo mundo, o mundo do leitor enquanto sujeito. Nesta prática de estágio percebe-se a conversa que este autor tem como outros teóricos como Mikhail Bakhtin, Lev Vygotsky, Paulo Freire, Irandé Antunes. Essas são vozes que ecoam, que dialogam a fim de mostrar a importância que educador de Letras tem no processo de ensino- aprendizagem. Em nossa prática a crônica como produção de textos foi fundamental para que o uso da gramática se realizasse efetivamente em sala como os alunos. A escrita, na perspectiva sociointeracionista da linguagem, é uma atividade interativa de expressão entre os indivíduos. Escrever é manifestar graficamente pensamentos, informações e sentimentos, expressar a subjetividade individual para o outro. Como a fala, a escrita também é regulada pelos contextos de interação. Sem o outro não há linguagem. E nesta perspectiva nos embasamos para que os alunos produzissem textos não apenas “para” e “na” escola, mas sim para o reconhecimento deles como autores. O papel da escrita em uma sociedade grafocêntrica é efetivar diferentes funções comunicativas, como informar, descrever, opinar, argumentar, fazer literatura, exercer a cidadania, registrar e divulgar conhecimentos. Para desenvolver a escrita é necessário planejar, escrever e reescrever textos. Aprendemos que o educando só irá refletir sobre a sua produção, entendendo a real função do ato de escrever. Portanto, chegamos ao fim, certas de um trabalho bem desempenhado, em que a pesquisa e o planejamento foram fundamentais para a nossa prática enquanto educadoras. O trabalho com crônicas foi de grande importância tanto para os alunos como para nós, futuras professoras.

Referências:

- Antunes, Irandé. Análise de textos: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- Bakhtin, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.
- Geraldi, João Wanderlei. Portos de passagem. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

II Simpósio Formação de Professores e Práticas Pedagógicas
28 e 29 de Novembro de 2013

Marcuschi, Luis Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.